

PRÁTICAS DIDÁTICAS E UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Aline Fracarolli do Carmo (UEL)

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar alguns conceitos relacionados ao ensino, entre eles as concepções de linguagem, a questão do uso do livro didático e do papel do professor em sala de aula e também alguns exemplos de atividades práticas de leitura, produção de textos e análise linguística da 5ª série/ 6º ano do ensino fundamental expostos por Geraldi (2006), Geraldi (2015) e Travaglia (2009). Além disso, pretende-se relacionar tais conceitos a uma experiência de estágio obrigatório na disciplina de Língua Portuguesa realizada em um colégio público da região metropolitana de Londrina – PR, em duas turmas de 6º ano do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: práticas didáticas; ensino fundamental; experiência de estágio.

1. Introdução

As práticas didáticas, principalmente no que se refere ao ensino de língua materna, são assunto muito estudado e discutido para que se apresente ao aluno o que ele realmente não sabe e que seja um conhecimento não apenas de valor teórico, mas também prático.

A respeito desse tema, Travaglia (2009, p.21) afirma que “[...] o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino” e apresenta três concepções de linguagem, sendo elas linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma ou processo de interação.

Tomando por base a concepção de linguagem como forma de interação, Geraldi (2006) propõe algumas atividades práticas de leitura, produção de textos e também de trabalho com análise linguística da 5ª série/ 6º ano até a 8ª série/ 9º ano do ensino fundamental.

Em outro de seus ensaios, Geraldi (2015) nos traz a aula como um acontecimento e discute os papéis assumidos pelo professor ao longo dos anos até os dias atuais, a transmissão do conhecimento e também aborda a questão do uso do livro didático, que muitas vezes não é visto como um auxílio, uma ferramenta de trabalho, e acaba adquirindo papel de protagonista no ensino.

Baseando-se nos conceitos e discussões traçados pela Linguística Aplicada, principalmente, Geraldi (2006, 2015) e Travaglia (2009), visamos com este trabalho, relatar uma experiência de estágio de língua portuguesa no ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Rolândia - PR.

2. Fundamentação teórica

As concepções de linguagem expostas por Travaglia (2009) são três: a primeira vê a linguagem como expressão do pensamento, a segunda vê a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação, e a terceira, por fim, vê a linguagem como forma ou processo de interação.

A primeira concepção caracteriza a enunciação como um ato monológico, individual e não afetado pelo contexto em que ocorre. Baseia-se nos princípios da gramática tradicional ou normativa, e preza que se escreva e fale consoante as regras presentes na gramática normativa. Esta, segundo Travaglia e conforme pudemos constatar em nosso estágio, é a concepção mais comum no ensino atualmente.

A segunda concepção vê a linguagem como um instrumento de comunicação, sendo a língua um código que por meio de regras é capaz de transmitir informações de um emissor para um receptor.

A linguagem como forma ou processo de interação, como um lugar de interação humana, influenciada por um contexto sócio-histórico e ideológico produzindo determinados efeitos de sentido é a visão da terceira concepção tratada por Travaglia (2009), sendo esta, segundo o autor, a concepção ideal para o ensino de língua materna.

Tomando por base a concepção que vê a linguagem como forma ou processo de interação, Geraldi (2006) apresenta exemplos de atividades que podem ser colocadas em prática no ensino de língua materna. É proposto um trabalho com a leitura de textos longos (livros) previamente selecionados pelo professor para incentivar o hábito da leitura e para que os alunos descubram o prazer de ler, sem cobranças e avaliações e também para que leiam no contraturno das aulas e não apenas no ambiente escolar.

O trabalho com textos curtos, o autor sugere que seja desenvolvido em sala, para que haja participação do grupo de alunos e também do professor em debates e discussões a

respeito dos textos e temas trabalhados. Geraldi (2006, p. 64) ressalta que “[...] o texto [trabalhado durante a aula] deverá servir de pretexto para a prática de produção de textos orais ou escritos.” O autor também destaca a questão da temática dos textos, tanto lidos como produzidos, e orienta que elas devem “[...] romper com a forma pela qual os alunos interpretam a realidade” (Geraldi, 2006, p.64).

No que tange a produção de textos, além de alertar sobre a questão temática, o autor ressalta que, na escola, em geral, as práticas de produção textual são realizadas em situações artificiais de uso da língua, pois o texto, na maioria das vezes, será lido apenas pelo professor/corretor do texto. Sendo assim, propõe que cada gênero produzido, dentro de suas características, seja compartilhado e possa atingir a comunidade escolar ou até mesmo a comunidade externa, para que o uso da língua por parte do aluno seja em uma situação real.

Um outro assunto abordado por Geraldi (2006) e que gostaríamos de aqui destacar é a prática de análise linguística, que deve partir do texto do aluno, tendo em vista que o ensino da gramática deve ter como objetivo auxiliar a aprendizagem ativa da escrita. Consequentemente, a preparação das aulas de análise linguística deve partir da leitura do texto escrito pelo aluno, seguida da identificação dos problemas e então o trabalho com a gramática e a reescrita do texto.

Por outro lado, além das práticas didáticas mais concretas, é preciso também refletir a respeito do papel que o professor vem assumindo na educação ao longo da história, como forma de observar os mecanismos que têm pautado certo tipo de ensino nas escolas. Geraldi (2015, p.82) afirma que “Cada proposta pedagógica, na história ou no presente, define diferentes posições para cada um destes três elementos [professor, aluno, conhecimentos], dando ênfase ora a um, ora a outro desses três pólos”. Sendo assim, ao longo da história, o professor assumiu diferentes papéis: os filósofos da antiguidade produziam o conhecimento e era buscado por seguidores, que se interessavam por tais conhecimentos ou por almejavam prestígio social.

Iniciada no Mercantilismo, a identidade de professor que o caracteriza como aquele que transmite conhecimento produzido por outros, com um material previamente planejado, e que, para tanto, não necessita ser muito dotado para exercer sua função, perdura por muitos anos. No século XX, no entanto, com o surgimento de novas tecnologias de informação, o

papel do professor sofre nova alteração, e passa a ser aplicar um conjunto de técnicas de controle de sala de aula, sendo que o livro didático passa a ser o protagonista no processo de ensino.

Uma nova crise afeta este modelo de professor no final do século XX. Com isso Geraldi (2015, p. 97-98) discute o fato da nova identidade do professor e afirma que deve-se “[...] pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis” sendo, nesse caso, o professor não um detentor do saber, mas aquele que compartilha com os alunos o que sabe, levando em conta o que eles já sabem e também aprende com eles.

Tendo tais pressupostos teóricos como base de reflexão a respeito do atual lugar do professor e da educação em nossa sociedade, bem como as práticas pedagógicas mais pertinentes para o ensino de língua portuguesa, passamos a seguir a abordar nossa experiência de estágio, à luz dos temas e dos teóricos aqui tratados.

3. Relato da experiência de estágio

O estágio obrigatório foi realizado no Colégio Estadual Presidente Kennedy, na cidade de Rolândia – PR, em duas turmas, 6ºA e 6ºB, do ensino fundamental e dividido em duas etapas, sendo dez aulas destinadas a observação da turma e do trabalho docente em sala, e vinte aulas nas quais o(a) estagiário(a) efetua planos de aula e regência das aulas preparadas.

Durante as observações, foi possível notar o uso frequente e quase exclusivo do livro didático, excetuando-se momentos de busca de vocabulário desconhecido pelos alunos no dicionário, além de exercícios de caligrafia. As atividades desenvolvidas durante o período de observações ocorreram com a leitura do livro didático e correção oral por parte do docente, sendo que as respostas deveriam constar no caderno dos alunos. Com isso, constatou-se um fato já apresentado por Geraldi (2015, p. 86 – 87):

[...] a relação do aluno com o conhecimento não é mais mediada pela transmissão do professor, mas sim pelo material didático posto na mão do aprendiz, cabendo ao professor o controle do tempo, da postura e dos comportamentos dos alunos durante esta relação com o conhecimento através do material didático. Quem instrui é o material didático.

Além disso, baseando-se nos conceitos apresentados por Travaglia (2009), pudemos observar que a concepção de linguagem concebida nas aulas de Língua Portuguesa é a que vê a linguagem como expressão do pensamento, baseando-se nos princípios da gramática tradicional e enxergando a enunciação como um ato individual não afetado pelo seu contexto. Estes fatos ficaram evidentes com o desenvolvimento das atividades do livro didático que mesclam exercícios de compreensão e interpretação de texto com exercícios da gramática tradicional, usando os textos trabalhados, em sua maioria, como um pretexto para se abordar a gramática normativa.

Um ponto muito positivo observado no período de estágio, foi o dia de biblioteca, no qual os alunos têm disponível uma aula inteira para irem à biblioteca do colégio e escolherem um livro de sua preferência, que deverá ser lido e devolvido na semana seguinte. Semelhante ao que propõe Geraldi (2006, p. 60), não há cobrança de leitura, sendo que o objetivo é “desenvolver o gosto pela leitura e não a capacidade de análise literária.”

No que se refere às regências, houve o uso do livro didático por recomendação do professor responsável pelas turmas, no entanto, utilizou-se material complementar produzido pela estagiária. As primeiras cinco aulas nas duas turmas foram dedicadas ao estudo da história em quadrinhos, doravante HQs. Iniciou-se a aula com um bate-papo sobre o que os alunos já sabiam a respeito das HQs, eles apontaram várias características e confirmaram um fato observado durante as idas à biblioteca: HQ é o gênero preferido da maioria dos alunos das turmas em que se efetivou o estágio. Em seguida, realizou-se, oralmente, uma atividade de interpretação de HQ presente no livro didático. Foram apresentadas outras características das HQs, seus elementos constitutivos com materiais complementares ao livro didático. Realizou-se uma atividade que orientava o aluno a completar um diálogo em uma pequena HQ, com o intuito de desenvolver a criatividade e também aplicar os conceitos aprendidos, principalmente em relação à linguagem típica dos quadrinhos.

A segunda parte do trabalho com as HQs envolveu a produção, em duplas, de uma breve tira. Primeiramente, orientou-se que os discentes construíssem um roteiro da história, com a temática “férias”. Depois de terem o roteiro em mãos, iniciaram a produção da tira, trabalho realizado totalmente na sala com orientação da estagiária, tanto para a sala toda,

como atendimentos individuais. Ao final de duas aulas de cinquenta minutos, os alunos conseguiram produzir as tiras, utilizando-se das características aprendidas em sala. Foi pedido que o professor responsável pelas turmas deixasse os trabalhos expostos nos murais do colégio, como recomenda Geraldi (2006, p.64), para que as produções dos alunos não sejam apenas para o professor ler, mas que atinjam um certo público: “[...] a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos)”.

Escolhemos dois dos trabalhos realizados pelos alunos que consideramos bons para uma breve análise. Podemos observar no trabalho intitulado “Férias na praia”, bem como em “Longas viagens” a associação coerente do texto verbal e não verbal, sendo o texto não verbal rico em detalhes, inclusive com mudanças de cenários. Foram utilizados recursos apresentados nas aulas, como por exemplo a interjeição “Eba!”, além de uma linguagem mais próxima da fala cotidiana, como vimos em sala de aula e de acordo com a terceira concepção de linguagem de Travaglia, pois é influenciada por um contexto sócio-histórico e ideológico produzindo determinados efeitos de sentido.

Abaixo apresentam-se duas das tiras produzidas pelos alunos no processo descrito neste artigo.

Imagem 1 - Exemplo I



Fonte: tira elaborada por alunos do 6º ano.

Imagem 2 - Exemplo II



Fonte: tira elaborada por alunos do 6º ano.

3. Conclusão

Tendo em vista a experiência de estágio vivenciada, enfatizamos a importância de atividades que vão além das propostas pelo livro didático. Não se pode negar que o livro didático é uma excelente ferramenta de trabalho para o professor, mas não devemos deixá-lo ser o protagonista no processo educacional.

Buscar informações, atividades e conteúdos que possam complementar o que se tem no livro didático faz com que as aulas sejam mais dinâmicas, com maior participação do aluno, que muitas vezes prevê, antes mesmo de receber o comando da atividade registrada no livro didático, o que terá que fazer, pois propostas se repetem e são limitadas.

Importante ressaltar que, com o atual sistema educacional, principalmente do estado do Paraná, no qual a hora-atividade do professor da rede estadual foi drasticamente reduzida, há professores que fazem jornadas triplas de trabalho para que possam obter a remuneração almejada ou suficiente, o que impossibilita um planejamento que possa contar com pesquisas em outros materiais. A falta de recursos também é um fator limitador de atividades

diferenciadas por parte do professor, que se vê obrigado a pagar do próprio bolso materiais para seus alunos, até mesmo xerox de atividades que excedam a quantidade de direito de cada professor (que, às vezes, não basta nem para as provas). Aparelhos de multimídia, como Datashow, não fazem parte da rotina do colégio em que foi realizado o estágio. Com isso, a tarefa de extrapolar o conteúdo do livro didático torna-se relativamente árdua. No entanto, devemos buscar meios de realizá-las com os recursos existentes, ainda que escassos.

REFERÊNCIAS:

CEREJA, William Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. **Português – Linguagens – 6º ano**. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: **A aula como acontecimento**. 2. ed.. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 81-101.

GERALDI, João Wanderley; ALMEIDA, Milton José (Org.). Unidades básicas do ensino de português. In: **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 59-79.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In: **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 21-23.